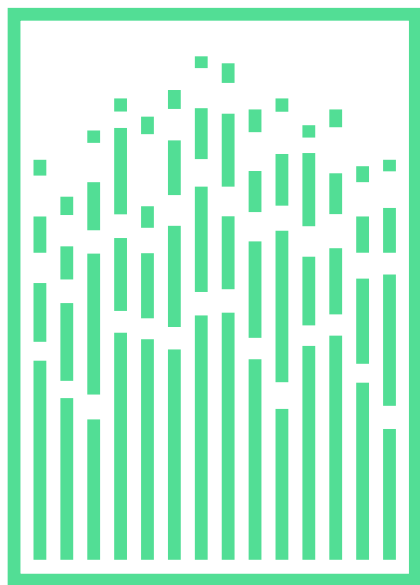


# Caça às bruxas, passado e presente e o medo do poder das mulheres



<sup>1</sup> [Nota da Editora] Este texto, com o título “Witch-Hunting, Past and Present, and the Fear of the Power of Women”, foi publicado em “100 Notes — 100 Thoughts / 100 Notizien — 100 Gedanken. Nº096. DOCUMENTA (13) HATJE CANTZ VERLAG, Ostfildern (Germany), 2012”. Publicá-lo nesta coleção foi ideia de Érica Zingano, a quem agradecemos. Agradecemos também a autora pela autorização para publicação, e a Catarina Barros pelo cuidado com que traduziu o texto ao português.

# Silvia Federici<sup>1</sup>

Ela está sozinha ao entardecer, num espaço vazio, segurando nas mãos uma meada de fio azul que serpenteia em seu redor, envolvendo um casario que quase parece a continuação do seu corpo. *Trazando el camino* (1990) é um dos muitos quadros que Rodolfo Morales, um dos mais importantes artistas mexicanos do século XX, dedicou ao tema do corpo feminino enquanto tecido material e social que mantém a comunidade unida. A pintura de Morales é o contraponto da imagem da bruxa: com o seu olhar silencioso e o seu avental bordado, a mulher que representa é quase angelical. No entanto, algo de mágico e dissimulado nela faz lembrar a “conspiração” feminina que foi a justificação histórica para a caça às bruxas que manchou de sangue a Europa do século XV ao século XVIII, fornecendo talvez uma pista para alguns dos mistérios que estão no centro desta perseguição ainda não resolvida pelos historiadores.

Porque é que esta caça era principalmente dirigida às mulheres? Como se explica o facto de, ao longo de três séculos, milhares de mulheres na Europa se terem tornado a personificação do “inimigo entre nós” e do mal absoluto? E como se concilia o retrato todo-poderoso, quase mítico, que inquisidores e demonólogos pintaram das suas vítimas – como criaturas do inferno, terroristas, devoradoras de homens, servas do diabo que atravessavam os céus des-governadas nas suas vassouras – com a figura indefesa das mulheres concretas que foram acusadas destes crimes e depois horrivelmente torturadas e queimadas na fogueira?

Uma resposta comum é a de que a perseguição às “bruxas” advém das mudanças causadas pelo desenvolvimento do capitalismo, em particular da desintegração das formas comunitárias de agricultura que haviam prevalecido na Europa feudal e do empobrecimento desencadeado pelo crescimento da economia monetária e pela expropriação das terras entre vastos sectores da população. De acordo com esta teoria, por serem as mais fragilizadas com as mudanças, eram as mulheres as mais propensas a tornarem-se vítimas, sobretudo as mais velhas, que constituíam o maior número de acusadas. Por outras palavras, as mulheres foram acusadas de bruxaria porque a reestruturação da Europa rural no alvorecer do capitalismo destruiu os seus meios de sustento e o seu poder social, deixando-as sem recursos, dependentes da caridade dos que estavam em melhor situação, num tempo em que os laços comunitários se estavam a desintegrar e em que uma nova moral começava a impor-se, criminalizando peditórios e caridade, a assistência social do mundo medieval.

Esta teoria faz todo o sentido e é validada por provas empíricas sólidas. Há certamente uma relação directa entre a caça às bruxas e os processos de “anexação” (privatização da terra), como se demonstra pela caracterização social das acusadas, pela natureza das acusações e pela descrição da bruxa como uma mulher pobre, velha, vivendo sozinha, dependente de donativos de vizinhos, amargurada com a sua marginalização, muitas vezes violenta com quem se recusasse a ajudá-la e que era acusada de ser ela mesma a responsável pelos seus infortúnios. Esta imagem, no entanto, é enganadora. Não explica como é que criaturas tão miseráveis poderiam instigar tanto medo. Ignora também o facto de que muitas entre as condenadas não encaixavam neste padrão, sendo muitas vezes mulheres que tinham alcançado um certo poder na comunidade exercendo práticas mágicas como cura, adivinhação e preparação de poções amorosas, ou parteiras.

Será que as “bruxas” representavam uma ameaça invisível, apenas real aos olhos dos que colaboraram no seu extermínio? Responder a esta questão requer que se desmistifique a ideologia fantasiosa por detrás da caça às bruxas e que se deduza, a partir das consequências da perseguição, qual o seu real alvo. Requer também que repensemos o processo que levou ao desenvolvimento do capitalismo, de maneira a darmos conta da profundidade dos conflitos sociais que foram premissa da destruição das relações sociais e de género que caracterizavam o mundo medieval.

O capitalismo foi a resposta aos conflitos da elite feudal – a igreja, os proprietários das terras e os comerciantes – em reacção à luta do proletariado rural e urbano que, por volta do século XIV, começou a pôr em causa o seu domínio. Foi uma “contra-revolução” que não apenas dizimou as novas reivindicações de liberdade, como também virou o mundo ao contrário, criando um novo sistema de produção baseado em concepções do trabalho, riqueza e valor completamente diferentes. Enquanto sistema que tem na “indústria” a principal fonte de acumulação de riqueza, o capitalismo não teria lugar sem levar a cabo uma batalha histórica contra tudo o que limitasse a completa exploração do trabalhador, a começar pela rede de relações que uniam os indivíduos ao mundo natural, às outras pessoas

e aos seus próprios corpos. Uma condição prévia para o desenvolvimento do capitalismo foi a destruição da concepção mágica do corpo que prevalecia na Idade Média, que lhe atribuía poderes que a classe capitalista não poderia explorar e que pareciam incompatíveis com a transformação do trabalhador numa máquina de trabalho. Tratava-se do poder de voar, adivinhar o futuro, adquirir formas animais, regressar do túmulo para exercer vinganças e, acima de tudo, controlar os elementos da natureza.

É neste contexto que o ataque às mulheres deveria ser situado. Devido à sua relação única com o processo reprodutivo, em muitas das sociedades pré-capitalistas as mulheres eram consideradas particulares conhecedoras dos segredos da natureza que lhes permitiriam gerar a vida e a morte e descobrir as propriedades secretas das coisas. Praticar magia (como curandeiras, praticantes de medicina tradicional, ervanárias, parteiras, criadoras de poções de amor) também era para muitas mulheres uma forma de emprego e, sem dúvida, uma forma de poder, embora isso as deixasse expostas à vingança quando os seus remédios falhavam. Esta é uma das razões pelas quais as mulheres se tornaram o primeiro alvo da tentativa capitalista de criar uma concepção mecanizada do mundo. A “racionalização” do mundo natural – condição prévia para uma disciplina de trabalho mais organizada e para a revolução científica – passou pela destruição da bruxa. Até mesmo as torturas indescritíveis às quais as acusadas foram sujeitas adquirem um significado diferente quando entendidas como formas de exorcismo contra os seus poderes.

Neste contexto, devemos também interpretar a descrição da sexualidade das mulheres – tão central à definição de bruxaria – como algo diabólico ou a quintessência da “magia” feminina. Também aqui podemos questionar a interpretação clássica deste fenómeno que atribui a obsessão sexual dos inquisidores à lascívia e sadismo resultantes do ascetismo cristão. Não há dúvida que o legado do cristianismo e que a participação eclesiástica na caça às bruxas foi fundamental para a construção da sua estrutura ideológica e jurídica. Mas não podemos perder de vista o que a sexualidade feminina representava para a nova elite capitalista no âmbito do seu projecto de reforma social e de instituição de uma disciplina de trabalho estrita.

Tal como os padres da igreja que, de Tertuliano a Heinrich Kramer e James Sprenger – autores Dominicanos do *Malleus Maleficarum* (1486)<sup>2</sup> –, não desperdiçaram nenhuma ocasião para dar livre curso ao ódio que nutriam pelas mulheres, a recém-nascida classe capitalista precisava de controlar a sexualidade e o prazer. Eros, a atracção sexual, foi sempre suspeita aos olhos de tiranos e de elites políticas, como uma força incontrolável que cria laços que nem a morte pode dissolver. A perspectiva de Platão acerca da origem e efeitos do amor no *Banquete* dá uma dimensão ontológica a esta visão. O amor é o grande mágico, o demónio que une a terra e o céu e que torna os humanos tão corajosos, seres tão inteiros e redondos que, assim que se unem, não podem ser derrotados. No século IV, quando os Padres da Igreja foram para o deserto africano para fugir à corrupção da vida urbana e provavelmente da sedução de Eros depressa tiveram de reconhecer o seu poder, sendo atormentados por um desejo apenas concebível como vindo do diabo. Desde então, proteger a coesão da Igreja enquanto clã masculino patriarcal e evitar que a propriedade acumulada se dissipasse devido à fraqueza do clero perante o poder feminino levaram a que a Igreja retratasse o sexo feminino como um instrumento do diabo: quanto mais agradável à vista mais mortal para a alma. Este é o *leitmotiv* de toda a demonologia, começando desde logo no *Malleus Maleficarum*, possivelmente o texto mais misógino alguma vez escrito.

2. Kramer e Sprenger foram inquisidores no sul da Alemanha. O seu livro *Malleus Maleficarum* (Martelo das Bruxas) foi uma das primeiras e mais influentes demonologias, reimpressa variadíssimas vezes ao longo de 200 anos. Como Joseph Klaits indica, entre 1481 e 1486, Kramer e Sprenger “presidiram a mais de cinquenta execuções por bruxaria na diocese de Constança”. Klaits, *Servants of Satan: The Age of the Witch Hunts*. Bloomington: Indiana University Press, 1985, p.44.

No que concerne à negação cristã da sexualidade feminina e à diabolização do corpo da mulher, as normas culturais sexuais instituídas pela classe burguesa/capitalista têm sido consideradas um ponto de viragem, sendo aparentemente inspiradas por preocupações mais utilitárias. Assim, a reintegração protestante do sexo na vida matrimonial enquanto “remédio para a concupiscência” e o reconhecimento do legítimo papel das mulheres na comunidade enquanto esposas e mães têm frequentemente sido descritos como um corte com o passado. Mas, na realidade, o que o capitalismo reintegrou no reino do comportamento feminino socialmente aceitável foi uma sexualidade submissa, domesticada, instrumental para a reprodução e pacificação da força de trabalho. No capitalismo o sexo só pode existir enquanto força de produção ao serviço da multiplicação de trabalhado-

res/assalariados homens, da expansão do mercado de trabalho e como meio de pacificação social e de compensação pela miséria da existência quotidiana.

Fora destes parâmetros, também para os capitalistas a sexualidade das mulheres tem representado historicamente um perigo social: enquanto ameaça à disciplina de trabalho, como forma de poder sobre os outros e como obstáculo à conservação das hierarquias sociais e das relações entre classes. Este era especialmente o caso no século XVI quando as estruturas que na sociedade feudal regulavam a conduta sexual e as transações sexuais entre homens e mulheres entraram em crise devido ao aparecimento de um novo fenómeno: mulheres independentes a viverem sozinhas, muitas vezes trabalhando como prostitutas, quer nas cidades, quer nas zonas rurais.

Não é de surpreender que a acusação de perversão sexual seja tão central nos julgamentos organizados pelas autoridades legais como pelos que foram iniciados e dirigidos pela Inquisição. Também aqui, por detrás da mirabolante acusação de cópula com o diabo, encontramos o medo de que as mulheres pudessem enfeitiçar os homens com o seu charme, subjugando-os e neles inspirando um desejo tal capaz de os fazer esquecer todas as obrigações e diferenças sociais. Foi esse o caso, de acordo com Guido Ruggiero, das cortesãs da Veneza do século XVI que, tendo conseguido contrair matrimónio com homens da nobreza, foram depois acusadas de serem bruxas.<sup>3</sup>

Isto explica a popularidade das demonologias do mito de Circes, a lendária encantadora que, graças aos seus poderes mágicos, transformava os homens que a desejavam em animais; explica também as muitas especulações sobre o poder que têm os olhos das mulheres, capazes de influenciar os homens sem lhes tocar, apenas pela força da atracção. Também o “pacto” com o diabo de que as mulheres foram acusadas, e que costumava envolver troca monetária, expressa uma preocupação a respeito da capacidade que as mulheres tinham de controlo dos recursos financeiros dos homens, assim como revela uma preocupação com a gestão do salário masculino.

Assim, tudo se fez para descrever a sexualidade feminina como algo perigoso para os homens e para humilhar as mulheres de modo a que reprimissem o desejo de usarem os seus corpos para atraírem os homens. Nunca antes na História o corpo das mulheres havia sido sujeito a um ataque tão massivo, organizado internacionalmente, legalmente aprovado e abençoado pela religião. Com as mais inconsistentes provas, de costume não mais que uma denúncia, centenas de milhares de mulheres foram presas, despidas, completamente depiladas e, de seguida, picadas com longas agulhas por todo o corpo em busca da “marca do diabo”, muitas vezes na presença de homens, desde os seus carrascos aos padres e notáveis da região. E isto não era de todo o fim dos seus tormentos. As mais sádicas torturas alguma vez inventadas pelo homem foram infligidas aos corpos das acusadas, providenciando o laboratório ideal para o desenvolvimento de uma ciência da dor e da tortura.

Como escrevi em *Caliban and the Witch*, a caça às bruxas instituiu um regime de terror para todas as mulheres, a partir do qual surgiu o novo modelo de feminilidade a que tiveram de se conformar, para serem aceites na sociedade capitalista que se estava a desenvolver: sem sexo, obedientes, submissas, resignadas à subordinação ao mundo masculino e aceitando como natural o seu confinamento à esfera das actividades reprodutivas que o capitalismo tinha desvalorizado completamente.<sup>4</sup>

3. Ruggiero, Guido. *Binding Passions: Tales of Magic, Marriage, and Power at the End of the Renaissance*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

4. Federici, Silvia. *Caliban and the Witch: Women, the Body, and Primitive Accumulation*. New York: Autonomedia, 2004.

5. Muchembled, Robert Muchembled. *Culture populaire et culture des élites dans la France moderne*. Paris: Flammarion, 1978.

As mulheres foram aterrorizadas com acusações fantasiosas, torturas horrendas e execuções públicas porque o seu poder social tinha de ser destruído – um poder social que, aos olhos dos que as perseguiam, era obviamente significativo, até mesmo no caso das mulheres mais velhas. Eram estas, aliás, as portadoras da memória colectiva da comunidade. Como Robert Muchembled nos recorda, eram elas quem se lembrava das promessas feitas, da fé traída, do tamanho das propriedades (sobretudo terras), dos acordos relativos aos costumes e da responsabilidade de quem os violava.<sup>5</sup> Como o fio azul em *Trazando el Camino*, a circulação das mulheres de casa em casa veiculava histórias, segredos e conhecimento: unindo paixões, entrelaçavam o passado e o presente.

Quanto às razões pelas quais os desafios impostos pelas mulheres às estruturas do poder tiveram que ser descritos como uma conspiração demoníaca, trata-se de um fenómeno que se vem repetindo até aos nossos dias. A “caça às bruxas” de McCarthy contra o Comunismo e a actual “guerra ao terror” assentam na mesma dinâmica. O exagero na descrição de “crimes” de proporções míticas para justificar castigos terríveis é um modo eficaz de aterrorizar toda uma sociedade, de evitar que se lhes retire importância e de fazer com que as massas tenham participado em actividades que até então eram consideradas normais.

A bruxa era o comunista e o terrorista do seu tempo, exigindo um esforço “civilizacional” que produzisse uma nova “subjectividade” e uma divisão sexual do trabalho na qual a disciplina laboral do capitalismo se pudesse apoiar. As caças às bruxas foram a maneira de educar as mulheres na Europa para a sua nova tarefa social, e uma derrota massiva caiu sobre as classes sociais europeias mais baixas que tiveram que reconhecer o poder do Estado para destruir qualquer forma de resistência à regra. Não foram apenas os corpos das bruxas que foram destruídos na fogueira mas um mundo inteiro de relações sociais que tinham sido a base do poder social das mulheres, bem como um vasto conjunto de conhecimentos que elas haviam transmitido, de mãe para filha, ao longo de várias gerações – conhecimentos acerca de ervas, de contraceção e aborto, dos sinais que permitem prever a meteorologia e da magia para conquistar o amor dos homens.

Foi isto que ardeu em cada praça de cada vila com a execução das acusadas, expostas no estado mais abjecto: acorrentadas e lançadas às chamas. Quando imaginamos esta cena multiplicada centenas de milhares de vezes começamos a perceber o que a caça às bruxas representou para a Europa, não apenas no que se refere aos motivos, mas também às consequências.



Edições Chão da Feira  
Caderno de Leituras / Série Intempestiva  
Projeto gráfico - Mateus Acioli  
Maio de 2017

[chaodafeira.com](http://chaodafeira.com)

Patrocínio



Realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

1069/2014

Este Caderno de Leituras foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Fundação Municipal de Cultura. Patrocínio UNA.